

A construção de uma nova *Aretê*

Dada a natureza da abordagem que faremos neste editorial, estamos nos permitindo a autocitação.

Desde a antiguidade, notadamente na cultura da Grécia, o ser humano, no afã de entender o mundo de então e a si próprio, estabeleceu concepções politeístas e criou inúmeros mitos. Na medida em que foram sendo formadas as primeiras comunidades e, mais tarde, as cidades, essas pessoas viram-se imersas em dilemas duradouros sobre o que seria fundamental para suas vidas. Deveriam ser obedientes ora aos deuses e aos mitos, ora às primeiras regras sociais, e nisso descobriram a importância da *Aretê*, enquanto sinônimo genérico de honra, de nobreza, de bem, de bom caráter, de compromisso, de patriotismo etc.

Segundo Jaeger (2001), a construção da *Aretê* faz parte da essência da educação que consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade, e isso seria a genuína Paideia grega, que mais tarde foi retomada por Platão na República, como virtude, fortaleza, piedade, justiça e prudência. Nesse sentido de conciliar a existência humana em um contexto social, Harman (2007, p. 25 *apud* MARQUES; MACIEL; MARQUES, 2020, p. 49) afirma que:

A vida humana não é alguma coisa visível desde fora, mas deve ser vista realmente em ato, em sua performance, ou em sua execução, cujas propriedades possíveis de serem listadas são sempre já transcendidas. Em outras palavras, a vida é 'fática', e é marcada pelo que Heidegger chama de 'factilidade'. A factilidade da vida simplesmente quer dizer que a vida não pode ser adequadamente descrita em termos teóricos, a vida humana é sempre imersa em situações específicas, envolvidas em circunstâncias muito particulares. Essa facticidade sempre permanece parcialmente obscura, e em razão disso a vida humana não pode ser acessada por meio de métodos usados nas ciências que descrevem matérias inanimadas.

Em vista, pois, das temáticas aqui desenvolvidas pelos distintos autores e colocando no centro de suas preocupações o ser humano e suas contingências, podemos concebê-los como fenômenos a serem conhecidos pela

hermenêutica do desvelamento. Ao tomarmos o ser humano e as temáticas ora em apreço como fenômenos, podemos recordar com Marques, Maciel e Marques (2020, p. 54) que:

Em termos mais específicos, o fenômeno é justamente o que permite um conteúdo ‘ser o que ele é’ na medida em que ele aparece ‘como é’. Nesse sentido, o ponto de partida do fenômeno não é a consciência ou qualquer estrutura perceptiva, mas são as relações existenciais com-o-mundo.

Como podemos deduzir do pensamento acima expresso, as relações existenciais do ser humano com-o-mundo, a exemplo dos variados pensamentos expressos nos temas em apreço, resultam em representações sociais, quer no sentido individual, quer no sentido coletivo. Nesse sentido, Marques (2001, p. 43 *in*: MARQUES *et al.* 2001) afirma que:

Ao se pretender discutir [...] as representações sociais [...] é preciso levar em conta, necessariamente, o princípio de que as pessoas possuem uma visão de mundo a partir de uma base concreta de convivência, a que se poderia denominar [...] de território. É pois, nesse território que ocorrem os conflitos e a solidariedade, fenômenos essencialmente humanos. Disso decorre a necessidade de se pensar as representações sociais enquanto algo inerente ao modo de vida das pessoas, imbricadas em um território devidamente contextualizado, por meio das variáveis físicas e temporais.

Considerando que estamos vivendo um momento histórico da mais alta relevância para a humanidade, com a perda de milhares de vidas à COVID-19, cujo contexto tem propiciado desafios nunca imaginados, em termos de ciências da saúde e medidas socioeconômicas, faz-se necessária uma correta hermenêutica de tudo que se discute na atualidade, notadamente para combater e impedir as falsas notícias e as posturas que vão contra a construção de uma nova *Aretê*, tão necessária para encaminhar a sociedade em direção a uma ética a mais universal possível, visando ao bem de todas as pessoas.

Temas como sustentabilidade, acesso à comida, direito ao lazer, respeito às pessoas idosas, custo de vida, infraestrutura sanitária, negação das guerras, acesso e uso correto de medicação são abordagens da mais alta relevância na atualidade.

No sentido da *Aretê* que aqui se propugna, é possível afirmar com Marques (2020) que as pequenas coisas podem assumir significados grandiosos quando feitas com desprendimento a favor do Outro. Esse Outro é sempre a possibilidade de exercitar o bem e construir um modo especial de viver, com sentimentos de altivez eivados de boas intenções. Por isso é preciso ser resiliente para se sair fortalecido das situações em que as dificuldades parecem não ter fim. Nesse contexto, não cabe a arrogância, apesar de ser ela um galho da vida dos incautos. Esses não fazem questão de serem humildes e nem estão preocupados em serem gentis e afáveis. Suas verdades estão acima de toda compreensão e bom senso e por isso, via de regra, chegam às raias da irresponsabilidade, consigo e com os outros, mesmo porque o Outro não guarda para ele grande valor.

De outro modo, há de se refletir o próprio sentido da existência humana, que, diante das circunstâncias da pandemia da COVID-19, parece reviver outros momentos da História, nos quais milhares de vidas humanas foram ceifadas. Contudo, é preciso profundarmos na busca de um sentido maior para a caminhada que se dá aqui e agora. É preciso que a humanidade como tal e cada pessoa, em sua individualidade, busque a felicidade, razão que alimenta o sentido da existência. Em vista do exposto, é possível afirmar com Mazzi, Marques e Ripoll (2019, p. 140) que:

Via de regra, as pessoas passam grande parte da vida caminhando em determinada direção, imaginando chegarem a um estágio de maior felicidade do que aquela vivenciada no momento presente. Interessante notar que a visão da felicidade é a de encontrá-la em algo, lugar ou alguém que possa proporcionar alegria, satisfazendo essa ou aquela necessidade, preenchendo os corações. A busca da felicidade pode ser considerada o combustível que move a humanidade – é ela que força a estudar, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los. Ela convence de que cada uma dessas conquistas é a coisa mais importante do mundo e dando disposição para lutar por elas. A cada vitória surge uma nova necessidade e assim caminha a humanidade.

Ditas essas coisas, é preciso salientar que as leituras dos textos científicos sejam feitas atentamente, para que tiremos delas a melhor compreensão, no sentido de não se distorcerem as afirmações ali contidas,

nomeadamente nesse momento de pandemia, em que é preciso eliminar os efeitos negativos das ideologias oportunistas, as quais, a rigor, impendem a urgente necessidade de se construir a nova *Aretê*. Nesse sentido, é possível afirmar, com Mazzi, Marques e Ripoll (2020, p. 122-3), que:

As pessoas sempre estão procurando quais passos devem dar para alcançar a felicidade, provavelmente porque quase sempre foram seduzidas por livros de autoajuda e gurus, que indicam o que é preciso saber e fazer para serem felizes e prósperas. Não resta dúvidas de que o maior objetivo da vida do ser humano é a felicidade! Todos almejam encontrar sentido em sua rotina diária, desejando sempre algo melhor, para que possa se sentir melhor. A grande motivação da vida é a felicidade, contudo, os atributos geradores de felicidade não valem igualmente para todas as pessoas, uma vez que cada pessoa tem sonhos, necessidades e expectativas próprias que diferem de uma para outra.

Como se pode facilmente inferir do que até aqui expomos, a construção de uma nova *Aretê* demanda, com absoluta certeza, o estado de bem-estar das pessoas, no sentido mais amplo do termo, incluindo, logicamente, a vida em família na sociedade como tal, e particularmente no trabalho. Em vista disso, podemos retomar o pensamento de Mazzi, Marques e Ripoll (2020, p. 123), quando afirmam que:

Via de regra, um empregado infeliz e insatisfeito não se preocupa com o crescimento da empresa e também não busca o seu próprio crescimento. Portanto, a felicidade e a satisfação dos funcionários têm se tornando cada vez mais uma preocupação para as organizações, entretanto, a maioria das empresas brasileiras não se dá conta de que as pessoas felizes no ambiente de trabalho são mais produtivas e defendem as marcas que representam.

Quando o leitor mirar os distintos trabalhos apresentados neste número da **Revista Multitemas**, notará sua multiplicidade de abordagem, o que reforça seu escopo em busca da interdisciplinaridade. Nada melhor que isso para se imaginar quão árdua é a tarefa de se buscar a construção de uma nova *Aretê* em tempos de pandemia. A interdisciplinaridade não deve constituir tão somente um discurso eivado de singularidades, mas propiciar o aprofundamento de cada abordagem na busca de entendimentos

sinérgicos. Caso tomemos como exemplo os temas relativos à sustentabilidade, podemos afirmar, com Pedro e Scheibe (2011, p. 492), que:

Os temas ambientais, pela sua gênese social, implicam necessariamente a colaboração nos diferentes campos do conhecimento para serem problematizados. Assim deve ser compreendido o conceito de interdisciplinaridade, que se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto [...]. É também compreendido como uma comunicação de ideias e integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa.

Acreditamos haver elementos aqui expostos o suficiente para o convencimento sobre a importância de se propugnar pela construção de uma nova *Aretê*, levando em conta a pluralidade do mundo, quer em termos naturais, quer em termos humanos. É urgente a reconstrução da ética e da moral, da justiça em sua plenitude com acento no que é verídico.

A todos, desejamos proveitosa leitura.

Prof. Dr. Heitor Romero Marques
Editor-Chefe

REFERÊNCIAS

JAEGER, Werner. *Paidéia – a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. [adaptação do texto para a edição brasileira, Monica Stahel; revisão do texto grego, Gilson César Cardoso de Souza]. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARQUES, Heitor Romero. *Insustentáveis certezas desconexas*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

MARQUES, Victor Hugo de Oliveira; MACIEL, Josemar de Campos; MARQUES, Heitor Romero. *Heigger e método – um prêmio metodológico em fenomenologia*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

MARQUES, Heitor Romero. Representações sociais e desenvolvimento local. In: MARQUES, Heitor Romero; RICCA, D.; FIGUEIREDO, G. P.; MARTÍN,

J. C. (Org.). *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001. p. 42-63.

MAZZI, Regina Aparecida Pereira; MARQUES, Heitor Romero; RIPOLL, Rafael Ravina. Pessoas, organizações e gestão: o trabalho como elemento gerador de felicidade na era da indústria 4.0 *In: RIPOLL, Rafael Ravina; PESÁNTEZ, Luis Bayardo Tobar; BARRIOPEDRO, Estela Nuñez. La brújula del Siglo XXI: el happiness management – un concepto a explorar por las empresas, el marketing social y el liderazgo organizacional*. Valencia, ES: Tirant Humanidades, 2020, p. 121-40.

MAZZI, Regina Aparecida Pereira; MARQUES, Heitor Romero; RIPOLL, Rafael Ravina. Caminhos para a construção da felicidade em educação. *In: PARADAS, Antonio Rafael Fernandes; PARADAS, Mercedes Fernández; PESÁNTEZ, Luis Tobar; RIPOLL, Rafael Ravina (Org.). Educación y felicidad en las ciencias sociales y humanidades – un enfoque holístico para el desarrollo de la creatividad en la era digital*. Valencia, ES: Tirant Humanidades, 2019. p. 139-58.

PEDRO, Joana Maria; SCHEIBE, Luis Fernando. Construção coletiva do programa de pós-graduação interdisciplinar em ciências humana na UFSC. *In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Editores). Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 426-509.